



“SEJAMOS TODOS FEMINISTAS”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Alexandre Antonio de Amorim Filho ¹

RESUMO

O presente trabalho busca discutir a questão de gênero a partir do discurso de Chimamanda Ngozi Adichie, autora de *Sejamos Todos Feministas* (2014). Realizando através de uma análise discursiva e ideológica, a busca pelo significado do feminismo na sociedade contemporânea, assim como, as consequências dessa ideologia na cultura moderna, em prol da igualdade entre os sexos. Para que os objetivos fossem alcançados, a metodologia utilizada foi de uso bibliográfico, a fim de dar suporte para a análise do discurso feminista. Dentro da pesquisa, foram evidenciados questões de gênero, o uso do discurso como ferramenta de poder e mudança, além da construção social da mulher.

Palavras-chave: Chimamanda Ngozi Adichie, Feminismo, Questão de Gênero, Literatura.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2012, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie realizou uma palestra no TEDxEuston, conferência anual com foco na África, intitulada *We should all be feminists*, em português: *Todos nós deveríamos ser feministas*. Em seu discurso, Adichie (2014) abordou situações tanto vivida por si própria como histórias de pessoas próximas a ela, em que a questão do feminismo esteve presente e atuante. O resultado de seu discurso pela igualdade de sexos não apenas ganhou o mundo (contando com mais de dois milhões de visualizações no Youtube), mas também teve parte de seu discurso incorporado na música *Flawless* da cantora norte-americana Beyoncé e ainda virou um livro, lançado pela editora Companhia das Letras, em 2014.

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Enugu, na Nigéria, em 1977. Aos dezenove anos, deixou o seu país natal rumo aos Estados Unidos da América, onde foi estudar na Universidade Drexel, na Filadélfia, lá ficou até ser transferida para a Universidade de Connecticut. Depois, continuou os estudos com foco na escrita criativa na Universidade Johns Hopkins de Baltimore e mestrado de estudos africanos na Universidade Yale. Porém, não foi o meio acadêmico que a fez famosa, mas sim as obras literárias que ela escreveu, entre elas: *Hibisco Roxo* (2003), *O Sol Meio Amarelo*

¹ Graduando do Curso de Letras – Português da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, pqalexandre@hotmail.com ;

(2006), Americanah (2013) e entre outros⁵. Procurando tratar em suas obras, sobre temas como exclusão, violência, questões raciais e o papel da mulher num contexto social. Desse caráter não apenas literário, mas crítico e de denúncia, a fala de Adichie (2014)⁶ tornou-se um manifesto ao tratar sobre a natureza feminina no tocante aos seus direitos como seres humanos, permeando a questão de gênero.

Nessas circunstâncias, o propósito do trabalho passa não apenas a dar luz sobre temas que são contemporâneos e extremamente importantes no debate do feminismo, mas apontar certas visões de mundo que estão presentes e inseridas no imaginário popular, sejam elas ocultas ou não.

METODOLOGIA

A pesquisa é concebida como bibliográfica, através de um suporte de livros e artigos científicos, observando a questão do gênero na sociedade, como encontradas em textos como *Problemas de Gênero*, de Judith Butler (2015). Quanto ao método, foi feito de forma indutiva e qualitativamente, a fim de dar um maior aprofundamento na temática, sob a luz de um ideal feminista.

DESENVOLVIMENTO

Quando se aborda a questão da identidade de gênero, pode-se notar a sua formação como um elemento social. Dependendo dos costumes de cada sociedade, a partir de diferentes perspectivas de leis, religião, família, entre outros, a visão sobre esse tema se altera.

Thompson (2008) ao abordar a questão da mulher, mostra, historicamente, como a esfera pública era geralmente entendida como domínio da razão e da participação exclusiva do homem, enquanto que as mulheres eram renegadas à vida doméstica. O histórico cultural de muitas sociedades, em que o patriarcalismo não apenas dominou os vários campos, mas colocou o homem como centro das relações sociais e inferiorizou o papel da mulher. Mostrando que o processo de construção da cidadania feminina não foi um trabalho fácil e tranquilo, e sim, árduo e de longos anos. A busca pela igualdade de gênero está atrelada a esse processo, que envolveu muitas lutas pelo reconhecimento dos direitos femininos. Surgindo graças ao contexto das ideias iluministas e transformadoras da

Revolução Francesa e da Americana, quando a demanda girava em torno de direitos sociais e políticos (COSTA, 2005)

O movimento feminista é muito mais antigo do que se pensa, desde o século XIX, quando se formava como movimento social, através da luta pelo direito ao voto e o acesso à educação para as mulheres (MISCKOLCI, 2012). Nas décadas de 1960 e 1970, o movimento passou ganhar um caráter liberacionista, que foi intensificado na década seguinte, 1980, com a disseminação do conceito de gênero e a incorporação das ideias de Foucault (1985) sobre uma análise do poder, concebendo uma nova luta política de gênero. Nesse processo político, a linguagem vai surgir como representação, a fim de promover a visibilidade política das mulheres, questionando, através do discurso, as concepções de dominação e subordinação (BUTLER, 2015).

Em *Problemas de Gênero*, Butler (2015) expõem como as relações de gênero social estabelecem uma distribuição desigual de autoridade, por isso, são percebidas também como um tipo de relação de poder, como, por exemplo, o fato de que os valores mais altos estão investidos na virilidade do que na feminilidade, símbolos de ascensão social, profissional, de status, prestígio, até então, atrelados ao perfil do masculino. Mas a desigualdade vai além, tocando em tópicos como corpo, sexualidade e direitos humanos, verdadeiros tabus quando se trata de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise do *corpus*, foram selecionados trechos do discurso de Adichie (2014), todos retirados do livro *Sejamos Todos Feministas*. As passagens da obra, em questão, foram escolhidas de acordo com a pertinência do tema e que servem como material para se debater sobre as relações sociais que envolvem o feminino e a concepção distorcida e preconceituosa que muitos tem ao abordar a questão de gênero.

De tal que forma que a autora começa abordando que:

(1) Homens e Mulheres são diferentes. Temos hormônios em quantidades diferentes, órgãos sexuais diferentes e atributos biológicos diferentes – as mulheres podem ter filhos, homens não. Os homens têm mais testosterona e em geral são fisicamente mais fortes do que as mulheres. Existem mais mulheres do que homens no mundo – 52% da população mundial é feminina -, mas os cargos de poder e prestígio são ocupados por homens. [...] quando um homem e uma mulher têm o mesmo emprego, com as mesmas qualificações, se o homem ganha mais é porque ele é homem.

Então, de uma forma literal, os homens governam o mundo. Isso faz sentido há mil anos. Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quanto mais importante para a sobrevivência; quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de maneira geral são fisicamente mais fortes. Hoje, vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar *não* é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar. (ADICHIE, 2014, p. 19-21, grifos da autora).

Com base, inicialmente, em um ponto de vista biológico, Adichie (2014) remonta a diferenciação dos gêneros, sob uma perspectiva em que as diferenças são sim presentes entre os homens e as mulheres. Porém, a crítica, segundo ela, estaria no fato de que as diferenças biológicas não são e não deveriam ser motivos para o tratamento diferenciado, o que acaba refletindo na ‘falsa’ imagem de que, só por isso, o homem possuiria um papel mais importante na sociedade.

Nesse contexto, o condicionamento e a força física, atrelados aos hormônios, são tratados como justificativa na construção de certos preconceitos que, muitas vezes, enaltecem a figura masculina e desmerecem o feminino, muitas vezes utilizando dessa manobra como forma de disseminar que quem manda é o indivíduo que é o mais forte.

Porém, isso começa a mudar quando Adichie (Op.Cit) diz que o que deveria ser avaliado e valorizado é o fato da pessoa ser a mais “**inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora**” e não pela razão da condição física. Quanto a força física relacionada a capacidade de liderança, é bem verdade que nem sempre a pessoa que é mais forte é capaz de liderar. Entretanto, não se deve esquecer que existem profissões em que a força física tem um peso muito maior que a capacidade de liderança, por isso, não é interessante generalizar.

Exposto isso, a autora do discurso procura desconstruir essa ideologia ao tratar a diferença física entre homens e mulheres como algo normal, mas que não deve ser avaliado e pontuado como argumento para o prejulgamento da superioridade. A partir disso, são levantados questionamentos que estão presentes quando se avalia a presença do homem no mercado de trabalho.

Durante séculos, a figura masculina não só esteve mais presente em cargos de maior destaque e maior poder, como também isso se refletiu na questão financeira, onde acaba ganhando muito mais do que as mulheres quando se faz a comparação, sem contar também, o número superior de oportunidades que são oferecidas e com salários mais dignos.

Contudo, a situação começa a mudar, com o empoderamento feminino em alta e a quebra gradativa dos preconceitos, muitas mulheres já estão assumindo cargos altos em grandes empresas e tomando posições no mercado de negócios tão importantes quanto a que os homens costumavam ocupar.

Mas, para que isso ocorra, a autora destaca a necessidade da educação como ferramenta de mudança e construção de mentes favoráveis para esse quadro de transformação social, de tal forma que:

(2) A questão do gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente (ADICHIE, 2014, p. 28).

Nesse ponto do texto, a autora traz à tona uma abordagem diferente sobre uma possível solução para o machismo. Ela relata que existe de fato uma importância do gênero, mas dá a entender que ainda mais importante que essa prática, é a forma pela qual que as pessoas observam o mundo, que os tornam seres machista ou não.

O conceito de gênero cabe à legitimação dessa ordem, na medida em que seria um instrumento expresso principalmente pela cultura e pelo discurso que inscreve o sexo e as diferenças sexuais fora do campo do social, isto é, o gênero aprisiona o sexo em uma natureza inalcançável à nossa crítica e desconstrução (BUTLER, 2015).

Essa crítica, por sinal, a contraponto da concepção que é inferida ao ‘gênero’ como:

Uma ferramenta analítica que nos permite distinguir entre a dimensão biológica (sexo) e a dimensão sócio-cultural (gênero) das relações entre homens e mulheres. Através dos processos de socialização, homens e mulheres desenvolvem padrões de comportamento considerados – dentro de um determinado contexto social – masculinos ou femininos (OAKLEY (1972) apud LOPES, 1990, p. 08).

Como uma possível solução para que essa ‘regras’ condicionantes não venham a se desenvolver, ela propõe que as novas gerações comecem a ser criadas de uma forma mais humana, mais justa e que isso se perpetue, mostrando que:

(3) O problema da questão de gênero é que ela prescreve como *devemos* ser em vez de reconhecer como *somos*. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero (ADICHIE, 2014, p. 36-37, grifos do autor).

Em seu discurso, é colocado o gênero como fator determinante na vida de uma pessoa em relação ao “ser” essência dela. A autora ainda afirma que a humanidade seria mais feliz se não existisse esse “**peso das expectativas do gênero**”. Entretanto, a felicidade de cada indivíduo não está baseada em seu gênero, mas sim em suas ações, gostos, interesses e sentimentos. Desta forma o gênero se torna apenas um fator na vida de cada indivíduo.

O problema não são os sexos diferentes, mas sim, na superioridade errônea de um em relação ao outro. Diferentemente dos homens, dentro de uma mesma categoria social, o lugar das mulheres é frequentemente secundário ou apenas subordinado, tendo assim, um acesso desigual ao poder e as tomadas de decisões.

Além disso, o gênero não cria expectativas, quem as elabora é a sociedade, muitas vezes com um pensamento retrógrado sobre a diferença entre eles. Com isso, ela também cria regras, preconceitos e estereótipo de forma que é formado um rigoroso padrão, cujo quem não seguir, será julgado como rebelde, com ainda atualmente as feministas são taxadas.

A realidade da vida cotidiana faz com que seja necessário insistir não apenas na circulação de ideias de igualdade, mas no aprofundamento e na ampliação de reflexões sobre essa discriminação das mulheres, seu papel na sociedade, o enorme potencial de mudança contido na experiência das organizações femininas e feministas (LOPES, 1990).

Nesse aspecto, a autora volta a assuntos já explorados e vai além, utilizando um discurso como uma prática política e ideológica: a primeira, porque o discurso pode reproduzir ou transformar relações de poder, e a segunda, pois o discurso é capaz de constituir, naturalizar, manter e transformar os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001).

As relações de poder, por sinal, tem forte influência do patriarcalismo sob o coletivo, alertando para um tipo de sistema no qual o machismo se baseia – é sob ele que se conformaram historicamente os privilégios da classe masculina em relação à classe de mulheres (BUTLER, 2015). Se contrapondo a essa prática, Adichie (2014) afirmar que (4) O “olhar masculino”, como determinante das escolhas da minha vida não me interessa (ADICHIE, 2014, p. 41-42).

Assim, ela finaliza, imprimindo em seu discurso, de tom mais ativo, a necessidade de se opor a qualquer tipo de medida que venha censurar o direito das suas próprias escolhas e vontades. Ao fazer isso, a autora não apenas fala por si, mas inspira um comportamento que deveria ser praticado pelas demais, onde a mulher passa a ser vista não mais como subordinada e/ou dependente, mas livre pra fazer o que bem entender.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou analisar a ideologia da problemática dos gêneros na sociedade atual, mais especificamente o feminismo, através da óptica de Chimamanda Ngozi Adiche em *Sejamos Todos Feministas* (2014).

Ao fazer uso de bibliografia, pode-se traçar um breve histórico do papel da mulher na sociedade atual e também antiga, em forma de comparação. Observando que, com o passar do tempo, gradativamente, a mulher passou a conquistar o seu espaço na sociedade, mesmo que de forma árdua. Outro ponto observado é que o feminismo, como movimento social de luta político igualitária, está cada vez mais forte e disseminado mundialmente.

Mas para isso, é fundamental que tanto homens como mulheres passem a enxergar as diferenças entre si como que não interfira na relação entre eles, deixando de lado essa guerra que ainda persiste no identitário contemporâneo, como também as comparações que são feitas, muitas delas, desvalorizando a figura feminina.

Os seres (sejam eles, homens ou mulheres) ainda tem um longo caminho a percorrer com o propósito de construir uma sociedade mais igualitária e justa. Onde o feminismo e a real igualdade entre sexos sejam respeitadas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COSTA, Ana A. **O Movimento Feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política**. *Revista Gênero*, vol. 5, n. 2, 2005.

FAIRCLOUGH, Norma N. **Discurso e Mudança social**. Brasília: Ed. UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

LOPES, Eugênia P. **Porque trabalhar com mulheres**. 1. ed. - Recife: Oxfam, 1990.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. São Paulo: Autêntica, 2012.





THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**. 10. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2008.